

## REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA FAMILIAR DA FAMÍLIA PRESTES

*(Reflections about the familiar memory of the Prestes' family)*

Ida Lucia Machado<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

### ABSTRACT

*In the light of Discourse Analysis (DA) and some concepts related to the study of life stories, we propose to examine some statements uttered by members of Luiz Carlos Prestes' family, which were taken from his biography. We will try to specify the ideology and the emotion that go through such statements, so as to find out how the identity formations of three generations of this family have been forged and, in this way, capture the thread that links the statements analyzed to a family memory.*

**Keywords:** Family memory. Life stories. Discourse Analysis.

### RESUMO

*Propomos aqui fazer uma reflexão sobre alguns enunciados de membros da família de Luiz Carlos Prestes, retirados de sua biografia. Nossa análise discursiva dará uma especial atenção para a ideologia e para a emoção que atravessam esses ditos. Esperamos assim entrever como foram forjadas as formações identitárias de três gerações dessa família e captar o fio que liga os enunciados analisados a uma memória familiar.*

**Palavras-chave:** Memória familiar. Narrativa de vida. Análise do discurso.

### INTRODUÇÃO

Ao estudar narrativas de vida, notamos que há muitos casos em que um determinado sujeito se sente dividido entre os diferentes jeitos de encarar a vida do pai e da mãe, sobretudo se, quando criança ou adolescente, sente que há muita divergência entre os *modus vivendi* dos genitores e seus respectivos familiares (avós, tios, primos etc.). Acreditamos que, desde cedo, os sujeitos-falantes (e pensantes) escolhem ou elegem (mesmo sem tomar consciência disso) um dos genitores ou alguém da família para tomar como modelo. Mais tarde, de certo modo, vão repetir ou seguir suas palavras e atitudes. Assim, tais sujeitos vão estruturando sua identidade básica, primordial.

Ao lado dos sujeitos que são influenciados por uma ou mais orientações divergentes familiares, existem outros que conseguem harmonizar as aquisições vindas de ambas as partes. Eles têm por base um vínculo familiar forte e uma ideologia de vida dominante que transcende

---

<sup>1</sup> Professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha da análise do discurso de tendência francesa. Autora de cerca de 20 coletâneas sobre análise do discurso e dos livros *Analyse du discours et parodie* (L'Harmattan, 2013) e *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e suas aplicações em narrativas de vida* (no prelo). É pesquisadora 2 do CNPq.

origens e etnias diversas e que leva o núcleo familiar a seguir as mesmas convicções e a adotar discursos que enviam as mesmas representações sociais, isso, é claro, de acordo com as adaptações e as diferenças impostas pela sociedade e pela época. Normalmente, para que isso aconteça, é necessário que exista na família alguém com convicções fortes e muito carisma. Esse alguém poderá, assim, tornar-se, aos olhos dos outros, uma espécie de arquétipo, sendo responsável pela existência de um forte laço identitário, que irá se transmitir entre várias gerações da mesma família.

Já há algum tempo observamos os delicados e complicados liames que constroem uma memória familiar e suas curiosas ramificações. Tal trabalho é realizado tomando por base o instrumental que nos vem da análise do discurso. Entre as várias metodologias que existem, como já explicamos em trabalhos anteriores (ver, entre outros, MACHADO, 2015; 2016ab), preferimos uma teoria analítico-discursiva de tendência francesa, mais precisamente aquela criada por Patrick Charaudeau: a *Semiolinguística*.

A teoria foi difundida nos dois primeiros livros de Charaudeau (1983, 1992) e consolidou-se, no Brasil, por outros livros e artigos que se seguiram, de autoria desse pesquisador ou de seus seguidores. Trata-se de uma corrente metodológica que entra em sintonia com os estudos sobre narrativa de vida, pois é uma teoria de análise discursiva que traz, em sua base, princípios oriundos da antropologia, da psicologia social e da sociologia. Ora tais disciplinas, sobretudo a última, têm profundas ligações com a materialidade discursiva – a da narrativa de vida – que aqui nos ocupa.

Iremos, a seguir, examinar alguns pontos suscetíveis de fundamentar nosso raciocínio, para, na segunda parte do trabalho, dedicarmo-nos à análise de alguns enunciados ligados à história familiar do político brasileiro Luiz Carlos Prestes.

## **1 UM DUPLO CAMPO DE ESTUDO**

Começamos pela razão que nos levou a relacionar a Semiolinguística ao estudo de narrativas de vida. A teoria discursiva de Charaudeau atraiu-nos por diversas razões, dentre as quais destacamos duas. Em primeiro lugar, tal teoria é fundamentalmente interdisciplinar e enfatiza o papel – não de um sujeito, mas de diferentes sujeitos – nos diversos discursos sociais. Ora, no âmbito dos estudos sobre narrativas de vida, somos frequentemente confrontados com sujeitos-narradores divididos, cindidos, ainda que façam um esforço para mostrar uma aparente unidade em seus relatos, de modo a torná-los mais credíveis. Partimos sempre do princípio bakhtiniano (que, a nosso ver, perpassa a Teoria Semiolinguística) de que o “eu-enunciador” ou o “eu-narrador” traz

em si várias outras vozes, vindas de outros “eus” que o influenciaram, de algum modo, na vida. A Semiolinguística, ao oferecer um quadro enunciativo no qual se movimentam ao menos quatro sujeitos ou quatro “eus” (CHARAUDEAU, 1983, p. 46) abre-nos, assim, as portas para uma melhor apreensão dos sujeitos cindidos, que assumem diferentes papéis. Chamamos a atenção para os atos de linguagem ou enunciados produzidos pelos diferentes sujeitos-narradores: conforme as circunstâncias, por vezes, tais enunciados amalgamam fatos do mundo real a outros, vindos de um mundo imaginário. Eis como vemos, de modo geral, as produções enunciativas dos diferentes sujeitos-narradores que assumem a difícil tarefa de relatar suas vidas.

A segunda razão que nos aproxima dessa corrente de análise do discurso prende-se ao fato de ela não ser fechada em si mesma, mas, ao contrário, ter características que mostram que se trata de uma teoria compósita, que tem sua base na linguística discursiva, mas que se abre a outras disciplinas afins, para melhor atuar e explicar a produção e o porquê de diferentes discursos. Acreditamos que não é possível falar da Semiolinguística sem levar em consideração suas origens e os conceitos que nela palpitam ou que a levaram a existir. Entre eles, são visíveis muito “pontos de amarra” com disciplinas vindas das ciências sociais.

Ao tomar como *corpus* de pesquisa narrativas de vida em geral, notamos que a abordagem desses relatos pode tornar-se mais viva e consistente, a partir do momento em que são levados em conta os aspectos sociais que os rodeiam, bem como as atitudes emocionais e as estratégias discursivas adotadas por seus contadores ou narradores.

Esse tipo de materialidade discursiva – a narrativa de vida – merece uma pequena e rápida explicação sobre o modo como a concebemos. Em primeiro lugar, consideramos que, no sintagma “narrativa de vida”, há a palavra “narrativa” e que por trás dela palpitam vários conceitos, pois uma narrativa é uma história

[...] que coloca em cena personagens, cenários, situações e uma intriga (problema a ser resolvido, projeto a ser realizado, ação a ser cumprida). Pelo seu poder de evocação, pela sua própria estrutura, a forma narrativa seria uma forma privilegiada para descrever as “intrigas” da existência. Vem daí a redescoberta da narrativa pelas ciências humanas, nos anos 90... (LEGRAND, 2000, p. 27, tradução nossa).

Como afirma o supracitado pesquisador, durante bastante tempo as narrativas foram desprezadas por disciplinas cuja obsessão era a de mostrar uma grande cientificidade dos trabalhos

que seria comprometida pelos meandros, pelo vai e vem próprio às narrativas. Na verdade, no âmbito das ciências humanas, o conceito de “narrativa” foi ligado durante certo tempo ao de “história inventada e sem bases reais”. Somente os Estudos Literários viram a importância da narrativa e sempre lhe deram um merecido lugar de destaque.

Felizmente, com o correr dos tempos, tanto os pensamentos quanto os valores mudaram. Além dos trabalhos sobre narratologia de Genette (1972, 1983), durante o período Estruturalista, teóricos vindos dos estudos linguísticos começaram a notar que, no ato de narração, havia “aquele algo mais” que poderia ser aplicado em seu campo de pesquisa. Benveniste (1966), ao lançar o conceito da subjetividade na linguagem, deu especial destaque a dois pontos: (i) a *história*, que se refere aos enunciados nos quais as palavras fluem naturalmente, sem dar a impressão de que haja alguém, um “eu” a comandá-los; (ii) a narrativa propriamente dita (*le récit*), em que a presença do “eu” enunciador que carrega em si um “tu” é bem evidente. Algum tempo depois Charaudeau (1992), criou o conceito de *modo de organização narrativo*, baseando-se em estudos vindos de Propp, Bremond e outros. Assim, no interior de sua forma de analisar discursos, discute a importância da *mise en scène* (encenação) narrativa e explica as múltiplas nuances e papéis assumidos pelos diferentes sujeitos-narradores. No âmbito da análise do discurso que praticamos, tais aquisições vieram facilitar nosso trabalho sobre *corpora* diversos, incluindo, é claro, as narrativas, ficcionais ou factuais ou ainda, como é o caso agora, oriundas de um gênero que chamaremos *genealógico*.

Nesse sentido, devemos explicar o que entendemos por tal gênero (ou espaço): para nós, ele seria aquele “ponto de encontro” apto a reunir/abrigar todos os estudos/escritos realizados sobre histórias/relatos/narrativas de vida, sejam eles colocados sob a forma de entrevistas, relatórios, biografias, autobiografias, memórias, diários etc. Trata-se, enfim, de todas as pequenas ou grandes histórias nas quais exista um narrador disposto a falar de alguém ou de alguma coisa, disposto a descrever uma experiência de sua vida ou de seu passado, digamos, algo que o marcou de forma positiva ou não, seja este passado longínquo ou próximo. Em suma: tal gênero acolheria todos os produtos (incluindo os documentos indicativos do pertencimento a uma determinada família, tais como atestados, fotos etc.) que se referem àquilo que forma uma vida que pode ser contada por meio de uma narrativa oral ou escrita. Ou ainda imagética ou pictural.

Observamos, nos últimos quinze anos, que os estudos de documentos vindos do gênero em pauta são divulgados por meio de veículos diversos (jornais, livros, revistas, depoimentos em redes

sociais) e de modo crescente. Pode-se questionar a razão disso. Alguns pesquisadores, como o já citado Legrand (2000), veem no ato de narrar-se a influência de uma cultura dominada pelo individualismo: falar de si, dos seus, seria, assim, uma espécie de contrapeso à ingratidão pós-moderna face às nossas famílias ou ancestrais esquecidos. Sem dúvida; mas há algo mais do que isso. Pode-se também dizer que o sujeito que decide realizar tal ato empreende sempre um deslocamento: ele sai de si mesmo e se dirige aos outros. Não é fácil falar de acontecimentos passados. É, pois, natural que certos sujeitos-narradores se voltem para suas origens familiares, nas quais poderão encontrar explicações para os caminhos tomados na vida ou para algumas de suas atitudes ou ideologias. Em outras palavras, voltar às raízes, buscar uma tradição que os ampare, parece-nos ser um dos meios para que tais sujeitos-narradores possam descobrir-se ou descobrir alguns de seus *alicerces identitários*, o que explicaria, em parte, a grande voga das narrativas de vida: uma busca de si mesmo, realizada por meio de um mergulho no passado e, por várias vezes, na memória familiar.

Desse modo, o ato que leva alguém a contar sua vida é resultado de um esforço de apropriação de si no vasto universo coletivo em que cada ser se insere e vive sua história, dentro da história de sua época. Trata-se, portanto, de um ato que é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Porém, não confundamos a História, com um grande “H”, com a história ou narrativa de vida de um determinado ser, pertencente a um determinado grupo social. Para não cair nessa armadilha, é melhor recorrer a Halbwachs (1950, capítulo II apud COENEN-HUTHER, 1994, p. 24) que vê na “pequena história” a presença de uma memória viva, que é parte integrante de determinado ser ou de um grupo de seres e, na “grande História”, algo bem maior, universal, suscetível de transcender os indivíduos e os grupos particulares.

Na próxima seção, analisaremos alguns enunciados que formam discursos vindos da *memória familiar* da família Prestes. Mas, antes, é preciso especificar o que entendemos por discurso. A nosso ver, um discurso refere-se ao modo como o mundo é colocado em palavras (ou em outros signos de comunicação) por um ser humano, a partir de seu ponto de vista sobre esse mundo e dentro de determinadas circunstâncias de comunicação. Analisar um discurso implicaria um mergulho em um mundo de *signos* para melhor tentar apreendê-los, sempre considerando as circunstâncias de sua formação e os papéis dos atores que ali agem, em função desses ou daqueles receptores (MACHADO, 2016a).

## 2 UM DISCURSO LIGADO A UMA MEMÓRIA FAMILIAR

Começaremos, de fato, nosso trabalho de analista do discurso no presente artigo ao examinar alguns enunciados da mãe de Prestes, Leocádia Prestes, para, em seguida, determo-nos em palavras vindas da biógrafa de Prestes, sua filha Anita Leocádia Prestes. Só em seguida examinaremos, sempre discursivamente, alguns enunciados do próprio Prestes. Todos os enunciados virão do livro *Luiz Carlos Prestes – um comunista brasileiro* (2015), que conta a narrativa de vida do político, vida cheia de peripécias e dificuldades, pontuada por algumas alegrias e sempre muita esperança no futuro.

O livro foi escrito pela filha de Prestes e Olga Benario, Anita Leocádia Prestes, Historiadora da UFRJ. Nele perpassa a ideologia de vida que sempre pontuou e esteve presente na família Prestes: o desejo de um país mais humano e com menos desigualdades sociais.

Queremos esclarecer que este texto não tem a pretensão de ser um libelo político em que postulamos o valor da doutrina comunista no âmbito da política. Trata-se de um instrumento de trabalho que segue nossa linha de pesquisa ao reunir Semiolinguística e narrativa da vida. Nessa perspectiva, buscamos analisar discursivamente enunciados que “puxam” pela memória de alguém que busca lembranças de sua vida passada ao contá-la a outro alguém.

Assim sendo, vamos nos deter especialmente na *memória familiar*, na identidade e na ideologia mantidas por uma família ao longo de três gerações: mãe, filho e neta. Interessa-nos observar o *jogo identitário* que se estabelece entre *sujeitos-comunicantes* – seres históricos, empíricos – e seus *sujeitos-enunciadores ou narradores* – os “seres de papel” ou seres do “mundo das palavras”, conforme Machado (1998, p. 122 e 131) –, bem como o fenômeno da *emoção* que, embora contido, por vezes escapa ao controle dos sujeitos-falantes e atravessa ou se faz ver nos ditos da família Prestes.

Para situar o contexto dos excertos da narrativa de vida escolhida, propomos uma pequena viagem ao mundo da família Prestes. Seu membro mais conhecido, Luiz Carlos Prestes, foi um militar e político brasileiro nascido no Rio Grande do Sul, em 1898, e morto no Rio de Janeiro, em 1990. Resumindo bem sua história, diremos que ele foi secretário-geral do Partido Comunista do Brasil e companheiro de Olga Benario, morta na Alemanha Nazista em um campo de concentração, após ter sido entregue àquele regime pelo governo de Getúlio Vargas. Anita, a filha de Prestes e Olga, nasceu na prisão alemã e, depois de muito empenho das corajosas mãe e irmã de Prestes,

conseguiu ser resgatada do cárcere, quando tinha três meses de idade, o que evitou que ela fosse entregue a um orfanato nazista.

Aliás, diga-se de passagem, a vida de Anita, que assina essa biografia, mereceria também uma biografia ou autobiografia: foi uma vida agitada, pois ser filha de Carlos Prestes e Olga Benario no Brasil, tanto na época de Vargas como depois, nos anos de chumbo, não deve ter sido nada fácil. Enfim, depois de muitos percalços e de um exílio na Rússia, Anita defendeu seu doutorado sobre a *Coluna Prestes* (trabalho este dirigido pela Profa. Maria Yeda Linhares) na Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ. Anita agora está aposentada; ela fez sua carreira universitária como professora de História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Talvez alguns julguem que é anacrônico, nos dias atuais, tomar como objeto de estudo o relato de vida de um político comunista brasileiro. Ideologias à parte, insistimos em dizer que o que nos atrai nesse homem, no âmbito da análise do discurso e das narrativas de vida, é sua tenacidade ideológica, o amor que sempre demonstrou por seu país. Admiramos pessoas que, nesse nosso conturbado mundo, dizem “não” quando todos, dizem “sim” – aliás, o General De Gaulle foi um dos que disse “não”, na época da 2a. Guerra Mundial.

Nesse sentido, reproduzimos aqui uma das epígrafes do livro de Anita Leocádia Prestes, que ilustram o ato de “saber dizer não”: “Mesmo na noite mais triste, // em tempo de servidão, // há sempre alguém que resiste, // há sempre alguém que diz não” (MANOEL ALEGRE apud PRESTES, 2015).

Antes de apresentar os excertos que serão o objeto de análise deste artigo, gostaríamos de dizer ainda algumas palavras sobre o livro que retrata a vida de Prestes. É preciso sempre ter em mente que se trata de um livro escrito por uma historiadora, ainda que ela seja a filha do biografado. Como historiadora, a autora mantém uma atitude que é comum a vários colegas de sua profissão, ou seja, a de evitar colocar, em sua narrativa, elementos suscetíveis de provocar efeitos emocionais no leitor ou que encorajem a implicação emotiva da biógrafa com o biografado. Assim, a narrativa em pauta não prima por uma vasta exposição de axiológicos, hipérboles, metáforas, modalidades apreciativas, atos de nomeação ou destacamento – enfim, elementos que poderiam dar origem a um efeito de *páthos*. A biógrafa/historiadora age como uma pesquisadora que se esforça para manter uma voz “neutra” ao produzir seus escritos sobre Prestes, ao apresentar documentos e fotos dele e de sua família.

No entanto, somos de opinião que, mesmo se quisermos e nos esforçamos para manter uma escrita “neutra”, como seres humanos que somos, não o conseguiremos: sempre deixaremos nossas marcas em nossos escritos, ou seja, “pistas” que enviarão o leitor ao “eu” profundo do autor, ao momento em que ele, como “sujeito-comunicante”, concebe seu *projeto de palavra* ou *projeto de escrita*.

Como diz Bernard Pivot (2016), em seu recente livro *Au secours! – Les mots m’ont mangé* (*Socorro! As palavras me comeram*), as palavras são traidoras e desvelam o que não queremos dizer ou mostrar. Quando menos se espera, elas saltam na folha branca ou aparecem nas falas dos sujeitos-enunciadores.

Na escrita de Anita Leocádia Prestes, há, pois, pequenos e discretos sinais de seu orgulho pelo pai e de sua admiração pela avó, já que foi esta que salvou sua vida, que poderia ter terminado de forma trágica, e a criou.

Assim, há alguns momentos de emoção no livro, embora sua autora, enquanto sujeito-empírico e histórico, repetimos, tenha tentado fugir disso. A emoção se faz ver, primeiramente, no entorno do livro: por exemplo, em uma ilustração de um romance de cordel sobre Prestes que emociona pela rústica e poética simplicidade que o desenho confere ao político e, porque já sabemos de antemão, que romances de cordel são obras em que a emoção e a empatia pelo ser retratado caminham de braços dados; em seguida, nas três belas epígrafes que precedem a narrativa – uma das quais foi por nós transcrita anteriormente. Epígrafes revelam sentimentos do autor; elas não são escolhidas aleatoriamente: elas constituem um modo de dizer algo pela voz de outro. Dessa maneira, a voz que sustenta uma epígrafe (e que não é a voz de quem escreve o livro) corresponderia mais ou menos ao que Marie-Anne Paveau (informação verbal)<sup>2</sup> chama de “enunciador-ventríloquo”.

Além disso, em meio ao extenso relato que constitui a biografia de Prestes, aparecem várias fotos em preto e branco que talvez possam emocionar determinados leitores: elas se localizam em dois conjuntos: (i) o primeiro começa a partir da página 128 da biografia em pauta e mostra sessenta e oito fotos, ocupando vinte e uma páginas. Note-se que as páginas onde estão as fotos não são numeradas; (ii) o segundo conjunto estende-se a partir da página 320 e compreende trinta e três

---

<sup>2</sup> Anotações da Conferência “*Le discours des locuteurs vulnérables. Proposition théorique et politique*”, realizada por Marie-Anne Paveau (Université Paris XIII, França), no IV SIAD - Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: Discursos e Desigualdades Sociais, em Belo Horizonte, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, em 16 de setembro de 2016.

fotos distribuídas em dezesseis páginas, também sem numeração. Entre todas as fotos, duas em especial chamaram-nos a atenção. Tentaremos descrevê-las nas linhas a seguir.

A primeira foto seria a 52<sup>a</sup> do primeiro conjunto. Ela registra o primeiro encontro de Prestes com sua filha Anita, quando a menina já tinha nove anos. A foto foi feita na porta do avião que trouxe Anita para o Brasil. Nela, vemos o sorriso um pouco sem jeito ou talvez emocionado de seu pai que, repetimos, vê sua filha pela primeira vez; a atitude conciliadora da irmã de Prestes que se curva um pouco sobre Anita, como que a incitá-la a sorrir ou a abraçar o pai até então nunca visto; o belo rosto de menina europeia de Anita (que lembra muito o rosto de Olga, sua mãe) que olha para um ponto indefinido... a foto em si mereceria um outro artigo ou uma análise mais profunda, estamos conscientes disso.

Na segunda foto, a 32<sup>a</sup> do segundo conjunto de fotos, vemos Prestes e Anita, ambos sorridentes e emocionados, no dia 11 de novembro de 1989, quando da defesa de doutorado de Anita, ocorrida na Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ. Quantas emoções devem ter ocorrido nesse momento preciso na vida desses dois seres agora próximos e felizes.

Mas, como dissemos, não é nosso objetivo analisar tais imagens aqui e agora: iremos nos deter nas palavras de três gerações da família Prestes. Seja como for, fica aqui a semente para um outro artigo: as fotos são representantes da memória familiar e aquelas sobre as quais discorreremos rapidamente mostram o primeiro e quase o último encontro entre um pai e sua filha, pois cerca de quatro meses após a defesa de Anita, Prestes, que já tinha 91 anos, faleceria.

Observemos, então, o primeiro excerto do livro, formado por palavras que nos permitem “escutar” a voz da mãe de Prestes, Leocádia. Ao recordar como seu filho era na infância, ela diz:

(i) Luiz Carlos foi um menino alegre e brincalhão como todos os de sua idade. Possuía essa alegria tranquila e resignada das crianças pobres que sabem que têm que se conformar com bonecos de papel, porque os outros, bonitos, custam caro. Porém desde pequeno demonstrou uma compreensão de vida fora do comum. Era sensato, criterioso, muito sensível (LEOCÁDIA PRESTES apud PRESTES, 2015, p. 24).

Antes de analisar os ditos de Leocádia, consideremos algumas informações que a biógrafa/historiadora nos fornece sobre ela. Leocádia era uma mulher inteligente, dotada de muito senso crítico. Não tinha muitas posses, mas vê-se que tinha recebido uma boa cultura em sua cidade natal, Rio de Janeiro. Ficou viúva cedo, com cinco filhos para criar e apenas uma pequena pensão

do marido, que era capitão do Exército. Assim, Leocádia teve que trabalhar: deu aulas de idiomas e de música, foi balconista, estilista, costureira... Finalmente foi nomeada professora em uma escola pública. Trabalhava à noite, dando aula nos subúrbios cariocas, e suas aulas eram dirigidas a comerciárias, operárias e domésticas, ou seja, a pessoas de classes trabalhadoras mais humildes. Gostava muito de ler e incentivava os filhos às práticas de leitura em jornais e revistas; mais ainda, procurava participar da vida política nacional, ia a comícios e levava consigo o primogênito, ou seja, Luiz Carlos. Acreditamos que aqui já se deixam entrever parte das *raízes identitárias* e familiares que marcaram Prestes: como o pai, ele fez a Escola Militar do bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e, como a mãe, ele sempre se preocupou com a política.

No excerto (i), Leocádia Prestes diz que seu filho era alegre, mas de uma alegria resignada; que tinha uma grande compreensão da vida desde pequeno, logo era sensível. É curioso e deve ser notado que a visão materna vai ao encontro da opinião daqueles que conheceram Luiz Carlos Prestes quando adulto: achavam-no educado, mas um pouco distante, como que fechado em si mesmo. Sabemos que as crianças que mostram desde cedo uma grande compreensão da vida podem ser alegres, mas terão também um pouco de tristeza guardada em seu foro íntimo.

Voltemos às qualidades que a mãe de Prestes lhe atribui em (i): ele era, em resumo, alegre e dotado de grande sensibilidade. Assim, por um lado, a biógrafa de Prestes corrobora as palavras de Leocádia Prestes quando narra certos fatos (ainda não ligados à política) da vida do biografado ou quando lhe dá a palavra, sobretudo quando Prestes rememora seus primeiros anos no Exército: ele é um narrador risonho! Ou seja, não é raro deparar, no livro em pauta, com trechos da história de vida de Prestes, nos quais ele próprio, ao “puxar” por sua memória, ri de suas dificuldades na época em que era muito jovem, um inexperiente capitão de engenheiros do exército, no Rio Grande Sul. Ao relatar os problemas cotidianos pelos quais passou, ele não se refere a eles de modo grave, agastado; ao contrário: ao recordar as dificuldades vivenciais de seu trabalho, ele entremeia sua fala com risos.

A título de ilustração, transcrevemos parte de um enunciado de Prestes, no momento em que ele discorre sobre a péssima qualidade de um material que havia recebido para fazer um quartel em São Ângelo (RS), no início dos anos 1920. Ele diz: “[...] as esquadrias deviam ser de pinho de péssima qualidade, mal confeccionadas etc. [risos]” (PRESTES, 2015, p. 39). Chamamos à atenção para a palavra “risos”, que a autora do livro contorna com chaves e que mostra que o sujeito-narrador, mesmo já bem idoso, mantinha seu bom humor. A palavra colocada entre chaves aparece

também em outros trechos, ligados a fatos corriqueiros. Mas ela nunca aparece ligada à narrativa de fatos políticos, é preciso dizer.

Por outro lado, a sensibilidade e também a seriedade já anunciadas pela mãe de Prestes se mostram presentes em outros trechos do livro. Mais uma vez, apenas para ilustrar o que foi dito em (i), observemos algumas linhas de uma carta que Prestes, aos 14 anos, dirigiu a sua avó Ermelinda: “Tenho muita vontade de estudar, pois meu maior desejo é chegar a conquistar uma posição somente pelo meu merecimento próprio. Só assim poderei ser útil aos que me são caros, mas também aos meus semelhantes e mais ainda à minha amada Pátria.” (PRESTES, L. C., *Carta a Ermelinda Felizardo*, Rio de Janeiro, 5 de março 1912, apud PRESTES, A.L., arquivo particular da autora).

Voltando ao excerto de Leocádia, podemos nele visualizar várias modalidades apreciativas positivas que a mãe dirige a seu filho. Acreditamos que o excerto pode ser dividido em duas partes. Nas duas primeiras linhas de (i), temos o retrato de uma criança boa, tranquila e mesmo resignada com a vida modesta que levava. Um bom menino. Mas o “porém” da 3ª linha leva o enunciado para um “retrato antecipado” de um outro Prestes, o Prestes adulto, que sempre teve uma compreensão muito grande da vida e que, embora sensível, não seria mais “resignado” no âmbito da política. Há, por assim dizer, uma estratégia argumentativa que atravessa (i). Vamos resumí-la em um pequeno esquema:

Prestes 1 → alegre, tranquilo, resignado (por ser pobre) (dimensão argumentativa explícita: “era um bom menino”).
---

PORÉM, DESDE PEQUENO TINHA

Prestes 2 → compreensão de vida fora do comum; era sensato, criterioso, sensível (argumentação implícita: o menino ao se tornar adulto carregou consigo tais qualidades para sua vida particular e política).
---

Para falar mais sobre o que foi a vida de Leocádia, recorreremos às palavras da autora do livro, enquanto narradora. Vejamos este excerto:

(ii) Leocádia e Lygia percorreram alguns dos principais países da Europa (Espanha, França, Inglaterra, entre eles) denunciando o terror desencadeado no

Brasil pelo governo Vargas, o perigo de morte para os presos políticos e as torturas constante empregadas contra eles e clamando por solidariedade e apoio para sua luta (PRESTES, 2015, p. 198).

Antes dessa viagem de conscientização política, empreendida por duas mulheres, em 1926, ao ler a biografia em pauta, tomamos conhecimento de como Leocádia lutou para conseguir que suas viagens fossem financiadas pelo partido ao qual Prestes se filiava e também das emboscadas e traições que ela encontrou no caminho para conseguir os vistos etc. Vê-se por aí que a viúva que tanto tinha lutado para criar seus filhos era uma mulher corajosa e que, em vez de ficar em casa chorando – como fariam tantas outras de sua época –, já que seu filho Prestes estava em uma prisão de Getúlio Vargas, e sua nora, Olga, grávida de Anita, havia sido entregue a Gestapo (MACHADO, 2012, p. 315-328), foi à luta! Para tanto, nada melhor que mobilizar a opinião internacional. E foi isso o que ela fez, não sem sucesso.

Como foi dito há pouco, Anita faz um trabalho biográfico de historiadora. Mas, por vezes, sua “neutralidade” é quebrada. Observemos este trecho:

(iii) Com o nascimento de Anita Leocádia – a autora que ora lhes escreve –, a Campanha Prestes alcançou ainda maior repercussão, pois tratava-se agora de salvar a vida de uma criança, ameaçada de ser entregue a um orfanato nazista. A Cruz Vermelha Internacional, sediada em Genebra, foi visitada por Leocádia e Lygia e, com sua ajuda, tornou-se possível saber do nascimento da menina – quando esta já tinha três meses de idade –, obter permissão para corresponder-se com Olga e enviar-lhe dinheiro, alimentos e roupas. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas devido à sabotagem de elementos [...] a Campanha Prestes prosseguiu e assegurou a sobrevivência da criança, assim como foi, por fim, sua libertação (PRESTES, 2015, p. 199, grifo nosso).

Gostaríamos de analisar (iii) rapidamente, enfatizando os diferentes “eu(s)” aí contidos. *A priori*, diríamos que o segmento em pauta (a não ser pela linha por nós grifada) parece não ter um narrador a sustentá-lo. Desse modo, ele se enquadraria em textos nos quais predominam enunciados que Benveniste (1966) chamou de “históricos”, e Charaudeau (1992) de “delocutivos”.

No entanto, na segunda linha do texto, aquela por nós grifada, há um segmento de enunciado que revela a presença do “eu-narrador”: “[...] a autora que ora lhes escreve”. Acreditamos que essa é uma das poucas concessões que o sujeito-comunicante, a autora Anita Leocádia Prestes, faz ao *sujeito-enunciador-narrador*, desvelando sua presença como autora na narrativa. Tal cautela acaba por ser comovente. Anita resume, em seis palavras a atormentada

história de uma mãe (Olga) e de seu bebê (Anita), nascido na prisão. Essas seis linhas são portadoras de um drama familiar, timidamente revelado. O “eu Anita”, que se dá a reconhecer como o bebê de Olga e Prestes, desaparece logo depois para dar lugar ao “eu” da historiadora que fala desse bebê na terceira pessoa.

Esse trecho lembrou-me – embora a história seja outra – dos esforços de Robert Antelme (2013) ao narrar sua vida na prisão nazista, sem carregar sua escrita com traços de emotividade. Antelme busca, assim, conservar um “eu” neutro, um “eu” de observador de uma vida da qual, no entanto, ele também foi participante.

O *eu-narrador* de Anita Leocádia Prestes é, pois, no trecho em análise, um *eu-participante*, mas que logo se cala para deixar falar o “*eu*”-*neutro*, da historiadora ou da observadora da história. A nosso ver, tal procedimento linguageiro pode produzir certa emoção ou encerrar um *efeito de páthos*, ainda que este não tenha sido o desejo da autora.

Após “escutar” as vozes de Leocádia e de Anita, observemos agora a voz Prestes. Vejamos mais algumas “gotas” de sua história de vida, antes de apresentar um excerto em que ele se exprime: depois de mil e uma peripécias, Vargas anistiou Prestes que pôde voltar ao Brasil. Mas mesmo anistiado, Prestes dizia não nutrir grandes ilusões sobre “a rápida reconstrução do Partido Comunista [...]” (PRESTES, 2015, p. 511).

Alguns anos depois, em 1983, no final da ditadura militar no Brasil e quando foi decretada a anistia geral, Prestes, de volta ao Rio de Janeiro, escreveu para um amigo e, em sua carta, entre outras coisas, comentou a situação política do país. Eis um excerto da carta:

(iv) Tudo indica [...] que marchamos para sério agravamento da situação social. [...] Será esse infelizmente o caminho sangrento da revolução brasileira até que, através dele, suja o partido revolucionário capaz de organizar e unir a classe operária e levá-la à abertura de caminho para o socialismo em nossa terra. Isso pode parecer [...] pessimista mas não é. É realismo de quem tem a certeza de que desse processo surgirá, como necessidade histórica, o verdadeiro partido revolucionário da classe operária. Estamos pagando pelo nosso atraso cultural, pela escravidão de 1888, pela independência com o príncipe da Casa de Bragança, etc. (PRESTES, trecho de carta a Aloysio Neiva Filho. RJ/1983, apud PRESTES, A. L., 2015, p. 511.).

Pode-se dizer que esse trecho de carta possui uma forte visada argumentativa. Para começar, o *sujeito-enunciador* avança alguns argumentos que poderíamos considerar como uma forma de “argumentação pelo medo”, segundo Braud (2007, p. 264). É como se o sujeito-

enunciador dissesse algo do gênero: “Se não fizermos X, teremos Y e, Y não é nada bom.” Segundo Payre (2015, p. 13), argumentar pelo medo contribui para chamar a atenção para a autoridade do sujeito-falante. Assim, deduzimos que, por meio desse tipo de estratégia comunicativa, certos atores políticos conseguem sensibilizar seus respectivos auditórios. Mas, no caso, o auditório de Prestes é limitado: ele se dirigiu a apenas um destinatário (seu amigo) quando escreveu a carta. Desse modo, optamos por considerar seus ditos (nos quais pairam nuvens ameaçadoras) mais como um desabafo de um homem que luta ainda por sua ideologia de igualdade para o povo brasileiro, mas que já está um pouco cansado dessa luta. Logo, sua declaração assume um caráter mais utópico que apelativo.

É claro que isso não impede que tenham sido empregados, em sua escrita, alguns sintagmas contendo uma grande força axiológica, tais como: “lutas esparsas”, “força das armas”, “caminho sangrento”. No entanto, Boucheron e Robin (2015, p. 65) afirmam que todo bom governante – ou, no caso, alguém que tem certo poder argumentativo, como Prestes – deve ficar atento ao fato de que tal poder, se está ligado ao fato de despertar emoções, também se liga à habilidade de acalmá-las. O *sujeito-enunciador* da carta parece notar isso: ele tenta amenizar/justificar sua argumentação trágica: “Isso parece pessimismo mas não é. É realismo”.

O último argumento de (iv) pareceu-nos o mais forte. O sujeito-enunciador busca dados na *memória primeira* da história da política de seu país. E vai atribuir a eles, a esses fatos fundadores e desastrosos, a causa de todos os problemas do Brasil. Não deixa de ser interessante o jogo argumentativo que ele estabelece ao afirmar: “Estamos pagando pelo nosso atraso cultural, pela escravidão de 1888, pela independência com o príncipe da Casa de Bragança, etc.”. Prestes recupera a memória de seu país e, de certo modo, insere-a em sua vida, em suas lutas enquanto político da esquerda. Novamente, nota-se aí um implícito: “Se tudo deu errado, foi porque tudo começou errado”. Nota-se aí um deslizamento da memória individual que entra na memória coletiva.

Apresentamos alguns enunciados vindos de três gerações da mesma família: da mãe de Prestes, de sua filha e dele mesmo, sem esquecer que aqui, no caso do livro em que buscamos tais enunciados, Anita é a narradora maior, a que teve a função de (re)construir e harmonizar esse universo de lembranças e palavras pertencentes a uma *memória familiar*. Note-se que o discurso dessa família mostra-se, todo ele, atravessado pela mesma formação ideológica que clama por igualdade e liberdade para todos. Sem dúvida, trata-se de uma família que sempre considerou a política como o pão cotidiano.

## ALGUMAS PALAVRAS À GUIZA DE CONCLUSÃO

A memória de uma família ligada à política, desde a mãe, passando pelo filho e pela neta, é também uma *memória política coletiva*. Segundo Halbwachs (1950, cap. II, apud COENEN-HUTHER, 1994, p. 24) tal memória, nesse caso, é uma memória que continua viva, pois volta a aparecer no livro escrito por Anita Leocádia Prestes, a neta de Leocádia Prestes e filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benario. Anita assume, assim, o papel de mantenedora do passado familiar. Ela pôde, por meio de seu “eu” de historiadora, narrar o passado de uma família, integrando-o à memória coletiva de um país. O livro que ela assina é, portanto, uma obra de historiadora política, mas fornece, ao mesmo tempo, representações associadas a valores e ideias da família Prestes que são ainda os mesmos de alguns brasileiros.

Seja como for, segundo afirma Coenen-Huther (1994, p. 252), nos documentos de caráter genealógico, as relações com aqueles que nos precederam e com épocas passadas são definidas à luz do presente de quem as toma como objeto de uma narrativa. Mais que isso, diríamos: tais relações são redefinidas e perpetuam o trabalho da memória.

Recebido em: maio de 2017  
Aprovado em: junho de 2017  
idaluz@hotmail.fr

## REFERÊNCIAS

ANTELME, R. *A espécie humana*. Tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutinho. São Paulo: Record, 2013.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale* I. Paris: Seuil, 1966.

BRAUD, P. *Petit traité des émotions, sentiments et passions politiques*. Paris: Armand Colin, 2007.

BOUCHERON, P.; ROBIN, C. *L'exercice de la peur*. Usages politiques d'une émotion. Lyon: P.U.L., 2015.

CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours: éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Paris: Hachette, 1983.

\_\_\_\_\_. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

COENEN-HUTHER, J. *La mémoire familiale*. Paris: L'Harmattan, 1994.

GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

\_\_\_\_\_. *Nouveau discours du récit*. Paris: Seuil, 1983.

LEGRAND, M. Raconter son histoire. In: *Sciences Humaines*. 2000, (102), p. 22-27.

MACHADO, I. L. A metáfora irônica dos cartuns. In: MENEZES, V. L. (Org.) *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 1998. p. 121-132.

\_\_\_\_\_. Uma analista do discurso face aos ditos de dois políticos: narrativas de vida que se entrecruzam. In: *EID&A - Revista eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação*. 2012, (3), p. 68-81.

\_\_\_\_\_. A narrativa de vida como materialidade discursiva. In: *Revista da ABRALIN*. 2015, vol. 14, p. 95-108.

\_\_\_\_\_. Um encontro entre poesia, análise do discurso e narrativa de vida. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes/UFMG*. 2016a, vol. 6, p. 32-43.

\_\_\_\_\_. Narrativa de vida: um espaço de liberação para vozes femininas? In: MACHADO, I. L.; SANTOS, J. C.; NUNES DE JESUS, S. (Orgs.). *Análise do Discurso. Afinidades epistêmicas franco-brasileiras*. Curitiba, PR: Editora CRV, 2016b. p. 29-54.

PAYRE, R. Ouverture. In: BOUCHERON, P.; ROBIN, C. (Dir.). *L'exercice de la peur. Usages politiques d'une émotion*. Lyon: P.U.L., 2015. p. 5-23.

PIVOT, B. *Au secours! Les mots m'ont mangé*. Paris: Allary Éditions, 2016.

PRESTES, A. L. *Luiz Carlos Prestes. Um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.